

Fogo destrói parte da reserva da Gruta da Onça

Uma área de aproximadamente 2 mil metros quadrados — segundo cálculo do Corpo de Bombeiros — da reserva da Gruta da Onça foi destruída por incêndios ontem e anteontem à tarde. Em duas operações, as guarnições conseguiram controlar o fogo, jogando terra sobre as chamas. Os incêndios destruíram várias espécies de Cobi, Ipê e Arueiras, e, segundo o vigia e alguns moradores, foram provocados por marginais.

Na opinião do único vigia da reserva — de 50 mil metros quadrados —, Erotildes Francisco Riz, os “maconheiros e cheiradores de cola vão voltar e continuar destruindo”. Contando que já encontrou no local” até uma caveira, sem contar os ladrões que se escondiam” ali, ele acredita que a revolta é contra o fim do esconderijo, já que a Prefeitura de Vitória está limpando a área.

Já o comandante da operação de ontem à tarde, cabo Miranda, acredita que a permanência de apenas um vigia é insuficiente para proteger a reserva. “Se não colocarem um plantão permanente, a área vai ser toda destruída”, previu, apoiado por alguns moradores da região.

Um dos moradores, o médico naturalista Marco Ortiz, responsabilizou a Prefeitura e a Floresta Rio Doce pelo acidente. A seu ver, o corte do capim-colonião e a retirada de parte dos cipós provocaram o desequilíbrio do meio ambiente local. “Com a retirada dessas plantas, o sol agora penetra na floresta, resseca a vegetação e facilita a propagação do fogo”, disse ele.

O sol forte está preocupando também a secretária municipal de Meio Ambiente, Maria da Glória Abaurre, embora tenha ressaltado que o Corpo de Bombeiros está de sebreaviso. Ela lembrou que a Gruta da Onça é a única reserva da Mata Atlântica na área urbana da cidade e, ao lado do Parque Estadual da Fonte Grande, o que ainda resta desse tipo de vegetação em toda a capital.

Segundo Abaurre, o projeto de limpeza e reflorestamento que está sendo executado na área é “um trabalho científico que visa a recuperar a reserva, que ficou abandonada durante mais de 20 anos”. Conforme explicou, foram retirados o ex-



Foto de Carlito Medeiros

Técnicos de meio ambiente e ecólogos visitaram a Gruta da Onça logo após o incêndio

cesso de cipó e o capim-colonião para o replantio de espécies nativas. Antes disso, assinalou, serão plantadas vegetações para enriquecer o solo.

Visita

No final da tarde, um grupo de dez pessoas formado por representantes do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), Instituto de Terras, Cartografia e Florestas (ITCF), Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente (Acapema), além de alguns moradores, visitou o local da queimada e discutiu o projeto de recuperação da área em execução pela Prefeitura e pela Floresta Rio Doce.

O diretor do IBDF, Gilberto Freire de Mattos, preferiu não emitir sua opinião a respeito do trabalho, antes de conversar com o engenheiro responsável pelo projeto, Renato Moreira de Jesus.

“A Prefeitura está bem-intencionada”, limitou-se a dizer. Já o pesquisador do Departamento de Biologia da Ufes, Paulo Vinha, é da opinião que, antes de iniciado o trabalho, deveriam ser feitos um levantamento nas encostas da região e uma consulta a técnicos e à comunidade. Considerando o desmatamento “amplo demais”, ele não hesitou em afirmar que “o fogo é consequência do corte das trepadeiras e dos arbustos”.

“O que acabamos de ver é um extermínio por carbonização”, resumiu o médico Fernando Pignaton. Para ele, o fogo é resultado da “falta de competência e de responsabilidade dos órgãos que estão administrando a área”, opinião endossada por Sebastião Alves, diretor da Acapema, que criticou o “corte de árvores de 15 centímetros de diâmetro e 5 metros de altura”, além das embalagens de marmitex que encontrou no local.